

SOBRE ALCIR, PARA ALCIR

Silvia Helena Simões Borelli*

Recebi em Paris, por telefone, a notícia da morte de Alcir Lenharo. A tristeza atravessou meu corpo, na diagonal, e instalou-se de vez em meio a um momento pleno de alegria e deslumbramento: preparava-me para ver *Giselle*, o ballet, na versão de Mats Ek, numa – com certeza inesquecível – noite de estréia no L'Opéra. Com os olhos vermelhos e as lágrimas *pulando*, assisti, emocionada, ao espetáculo, convivendo, todo o tempo, com certa sensação de dilaceramento; aliada a ele, uma avalanche de memórias, uma dolorida saudade e a inevitável culpa por ter estado distante e por estar, simplesmente, viva, feliz, ali, naquele lugar! De longe, ao fechar das cortinas, dediquei a ele, meio sob a forma de prece, aquele instante quase divino de beleza e encantamento.

No turbilhão do momento e durante inúmeros outros dias, restituíram-se memórias, lembranças foram resgatadas: uma cena aqui, uma palavra ali, finas ironias acolá. Ironia sutil que foi, com certeza, de Alcir, um traço de distinção.

As memórias resultam de alguns cruzamentos e trajetórias. Imagens, tempos e espaços entrelaçam-se de forma um tanto quanto caótica.

Cena 1. Alcir, no convívio familiar, junto a Chico Melo, nosso amigo comum, artista plástico, fantástico por suas perturbadoras telas de *L'homme machine*. Lembro-me de um jantar, numa noite qualquer, há muitos anos, em que cuidamos, juntos, de um Chico Melo que, de volta ao Brasil, depois de anos na França, insistia em tomar nostálgicos e melancólicos *pileques* de *fina* cachaça brasileira.

Cena 2. Um rápido encontro, há cerca de um ano, com um Alcir agitado, animado e crítico, nos corredores da *TV Mulher*, preparando-se para uma entrevista, acompanhado de uma de suas queridas e prediletas cantoras.

* Professora do Departamento de Antropologia (PUC-SP).

Cena 3. Num dia, num bar, não sei mais há quanto tempo, uma conversa com Silvio Barini, historiador, seu orientando, sobre os rumos de uma promissora dissertação de mestrado que fascinava ao redor da historiografia e de imagens cinematográficas.

Cena 4. Num tempo passado, sem data ou precisão, emerge um Alcir que, sentado no sofá da sala, me escuta, calma e ponderadamente, tergiversar sobre as primeiras idéias de um projeto de tese de doutorado. Depois de ouvir atentamente, ele me disse qualquer coisa como: *se você fizer isto vamos estar muito próximos ...* e me contou, com o fascínio de quem já se misturara completamente ao objeto, tudo o que havia feito e que ainda pretendia realizar com o rádio, com as cantoras e com um conjunto de músicas que marcaram presença na trajetória de constituição e consolidação de um campo cultural no Brasil.

Cena 5. Mais recentemente, Alcir na Unicamp, em fevereiro último, já abatido, contudo emocionado com a defesa do mestrado de Maria Marta Avancini, uma de suas orientandas que, acompanhando a trajetória do orientador, trilhou caminhos pela época áurea das cantoras do rádio.

Mas o Alcir que, de verdade, deve ocupar esta cena, é aquele que, durante anos passados – mais precisamente entre 75 e 83 – esteve conosco na PUC, no Departamento de Antropologia, na disciplina Antropologia e Realidade Brasileira, do Ciclo Básico.

Éramos muitos e bastante diversos. Articular tantas diferenças foi deveras atraente, porém difícil e conflituoso. Convivíamos num diálogo privilegiado entre antropólogos, sociólogos, politólogos e historiadores que, como Alcir, contribuía para ampliar, ainda mais, o espectro das alternativas e possibilidades. Grandes debates, inúmeras dissensões que só nos faziam crescer – hoje tenho certeza! – e caminhar por trilhas às vezes estranhas, sinuosas. Nelas, podíamos notar a presença de um Alcir sempre irônico, porém cauteloso, competente e extremamente cuidadoso no definir contornos, indicar rumos, sugerir possibilidades.

Estávamos começando; éramos, boa parte, recém-saídos da Graduação e transformávamos em aprendizagem um cotidiano de trabalho em equipe. Juntos, discutíamos nossas aulas, como melhor realizá-las, como resolver problemas e impasses com os alunos, como enfrentar os desafios impostos pela teoria. Descobríamos novos autores, coletivizávamos informações e passávamos horas, dias, meses afinando uma programação de caráter conjunto.

Com Alcir – e vários outros colegas – esboçamos os primeiros contornos de uma reflexão sobre Cultura Brasileira preocupada, naquele momento, em definir o sentido do caráter nacional, da identidade brasileira, dos movimentos culturais dos anos 60, das

influências das vanguardas modernistas dos anos 20 e outras coisas mais. Em debate, a relação entre cultura e política, o Cinema Novo, os teatros Arena, Oficina e Opinião, a bossa-nova, a jovem-guarda, a música de protesto, a tropicália.

Entre *macunaímas, rodas-vivas, deuses e diabos, cemitérios de automóveis, lenços e documentos, banquinhos, violões e guitarras elétricas*, continuávamos, uns, a esperar pelo dia que *um dia haveria de chegar*; e outros, a construir, pela crítica a esse modelo, uma alternativa capaz de compreender as conseqüências de um projeto cultural, que supôs sobreviver, vinculado a processos políticos que objetivavam revolucionar a sociedade brasileira.

Depois deste período, Alcir nos deixou rumo a Campinas. Na Unicamp, novas oportunidades, nem sempre disponíveis na PUC; o sonho da universidade pública, outras chances de desenvolver, ampliar, deslanchar. Sinto, entretanto, que vários de nós – os que ficaram e os que tomaram outro rumo – são capazes de restituir, desta época, seus pontos de partida. Deste embrião de reflexão, resultaram vários projetos pessoais que, desmembrados, aprofundados e pesquisados, geraram dissertações, teses, publicações e outros produtos, entre os quais, os competentes e variados trabalhos de Alcir que ficam conosco para contribuir, dialogar, acrescentar, ousar.

Talvez, entretanto, o que mais esteja registrado, de Alcir, na memória, não sejam as lembranças restritas ao espaço da Universidade, mas sim aquelas que nos vinculam, ocasionalmente, às dimensões involuntárias, afetivas desta memória: aquelas que poderiam resumir-se a um certo sorriso, um tanto quanto jocoso, que desliza, de um só lado, pelo canto direito da boca...